

Trump é alvo de lobby em disputa de níquel no Brasil

Entidade de ferro e aço americana vê risco de concentração de mercado

/ CONJUNTURA

O Instituto Americano de Ferro e Aço (AISI) afirmou ao governo Donald Trump que a concretização da venda de plantas de níquel no Brasil para a MMG, um braço da estatal China Minmetals Corporation, daria aos chineses “influência direta” sobre grande parte das reservas internacionais e potencializaria “vulnerabilidades na cadeia de suprimentos para esse mineral crítico”.

A associação, que representa o setor do ferro e do aço nos Estados Unidos, pediu ainda que o governo americano leve à administração brasileira preocupações em relação à concretização da aquisição e aos riscos de concentração de controle de mercado.

“É essencial que o Governo do Brasil explore alternativas que preservem a propriedade orientada pelo mercado desses ativos estratégicos de níquel e garantam que o acesso futuro a esse mineral crítico continue aberto e justo”, disse o instituto, em carta endereçada ao USTR (Escritório do Representante

de Comércio dos EUA).

A manifestação da AISI foi protocolada em 18 de agosto, no âmbito de uma investigação comercial aberta pela gestão Trump contra o Brasil. O documento foi revelado pelo jornal Valor Econômico e confirmado pela reportagem.

“Se [a venda] for bem-sucedida, a China obterá influência direta sobre uma parte substancial das reservas de níquel do Brasil, além de sua posição dominante na produção da Indonésia, agravando as vulnerabilidades já existentes na cadeia de suprimentos desse mineral crítico”, argumentou o AISI.

A apuração do USTR mira supostas práticas injustas do Brasil nas áreas de comércio digital e serviços de pagamento eletrônico; tarifas preferenciais a outros sócios comerciais; aplicação de medidas anticorrupção; proteção da propriedade intelectual; acesso ao mercado de etanol e desmatamento ilegal.

A investigação permitiu que até 18 de agosto empresas e associações apresentassem demandas à administração Trump sobre di-

versos setores no âmbito da relação bilateral com o Brasil - o que foi feito pela AISI.

A Anglo American, multinacional de origem sul-africana e britânica, decidiu vender no início deste ano sua planta de níquel em Barro Alto (GO) para a MMG. Além da unidade nessa cidade, entraram na negociação outra planta em Niquelândia (GO) e dois projetos novos de exploração, no Pará e em Mato Grosso. O negócio avaliado em US\$ 500 milhões, o equivalente a mais de R\$ 2,7 bilhões, marca a entrada da chinesa MMG no mercado brasileiro de níquel, ampliando o alcance de Pequim sobre um insumo considerado vital para a transição energética.

A transação entre a Anglo American e a MMG pode virar processo em apuração pela Comissão Europeia. No Brasil, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) acaba de ser acionado. Os riscos de uma concentração excessiva do mineral nas mãos dos chineses é o principal argumento na carta da AISI, assinada por seu presidente, Kevin Dempsey.

Mercado reduz projeção do IPCA de 2025 pela 13ª semana

Os economistas reduziram a previsão da inflação, do Produto Interno Bruto (PIB) e do dólar para este ano, de acordo com o boletim Focus, divulgado pelo Banco Central ontem.

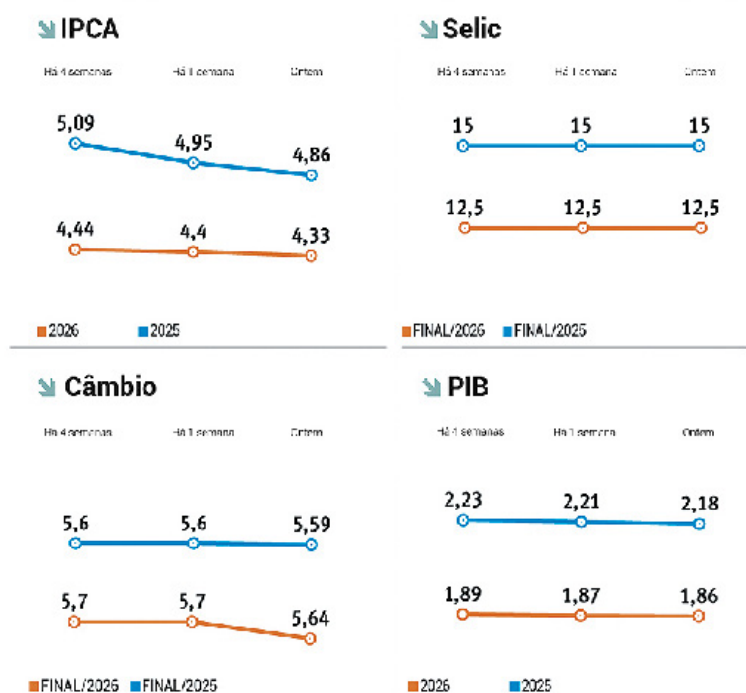
O relatório mostra que os analistas esperam que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) termine 2025 em 4,86%, uma queda de 0,09 ponto percentual em relação ao levantamento da semana anterior.

Este é o menor valor previsto no ano, superando a marca anterior, que era de 4,95% na semana passada, mas ainda segue acima do limite da meta de 3%, com variação de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. É também a 13ª semana consecutiva que os economistas diminuem a perspectiva para o índice.

Os economistas também diminuíram as previsões do IPCA para 2026 (de 4,4% para 4,33%) e 2027 (de 4% para 3,97%).

Outros índices que tiveram redução no boletim Focus des-

Projeções



ta segunda-feira foram o PIB, que caiu de 2,21% para 2,18%, e o dólar, que foi de R\$ 5,60 para R\$ 5,59.

Já a perspectiva para a taxa de juros permanece em 15% neste ano, em 12,5% no próximo ano e em 10,5% para 2027.

Gerson Anzzulin
atencaonoseguro@gmail.com

Atenção no seguro

INFORME PUBLICITÁRIO

As perspectivas do Seguro Rural

No Brasil, apenas 10% da área plantada conta com o seguro rural. Vários fatores influem para a composição deste cenário, como o baixo valor da subvenção federal e juros altos. A modernização do produto é um tema que vem sendo tratado nos Poderes Executivo e Legislativo. As perspectivas do seguro rural é o tema desta entrevista com o presidente da Comissão de Seguro Rural da Federação Nacional de Seguros Gerais, Glaucio Toyama.

- Como o senhor avalia a proposta de um novo modelo de seguro rural que está em debate no governo federal?

De forma positiva. Ainda não temos clareza sobre a proposta. Acabamos de discutir o projeto de lei orçamentária de 2026. A FenSeg defende que o recurso da subvenção não seja colocado de forma contingenciada, como aconteceu neste ano. Este é um ponto importante para que a previsibilidade de planejamento do produtor, das seguradoras e a política pública possa rodar de forma adequada. Precisamos saber o que está em análise, porque não existe uma bala de prata que irá resolver o problema orçamentário do dia para a noite sem que exista uma proposta clara, alinhada com todos os setores que operam nisso. Não estou falando apenas das seguradoras e resseguradoras, mas também das cooperativas, dos bancos e do próprio governo federal. Os recursos públicos devem ser utilizados de forma eficiente numa operação de mitigação de riscos, para que não ocorram prejuízos e desamparos como temos visto nos últimos anos.

- A subvenção deve ser tratada como uma política de Estado?

Sem sombra de dúvida. A FenSeg compreende que além da União, os governos estaduais devem adotar essa política.

- Com a redução da subvenção, como está a atuação das seguradoras?

O nosso pleito para 2025 era de aumento da subvenção de R\$ 1 bilhão para mais de R\$ 2 bilhões, sendo que isto não ocorreu. Lutamos para elevar o recurso, sem contingenciamentos. Precisamos discutir as ferramentas de risco que existem no Brasil em relação ao Proagro e o PSR. Neste momento o que temos feito é buscar através das entidades representativas, como a CNA, o desbloqueio do valor de R\$ 355 milhões da subvenção, pois o momento de venda do seguro agrícola para a safra de verão é agora, entre agosto e meados de setembro. O produtor fica sem tranquilidade não sabendo se ocorrerá o desbloqueio.

- As seguradoras estão desenvolvendo novos produtos em função das intempéries climáticas?

O Rio Grande do Sul sempre esteve no nosso radar diante dos problemas que enfrentou nos últimos anos. O produtor gaúcho sofreu de forma mais recorrente e severa. A enchente de 2024 foi a mostra disso. Não é apenas a questão de produto. Precisaremos de um arranjo entre a sociedade, o ecossistema produtivo, seguradoras, bancos e governos, estaduais e federal, para montar uma forte proteção de risco para os produtores.

CRÉDITO: DIVULGAÇÃO FENSEG



Glaucio Toyama: “Precisamos discutir as ferramentas de risco que existem no Brasil em relação ao Proagro e o PSR”

ACOMPANHE AS NOVIDADES DO MERCADO SEGURADOR.

Assine nossa newsletter diária. Mande email para sindsegrs@sindsegrs.com.br

Nos siga nas redes sociais:

